

A CIDADE ANTIGA

Fustel de Coulanges

Tradução
FERNANDO DE AGUIAR

Martins Fontes
São Paulo 2004

relar-nos alguma tradição antiga ou certo antigo uso; as idéias evoluíram e as recordações apagaram-se no tempo, mas as palavras ficaram, testemunhas imutáveis de crenças desaparecidas. O contemporâneo de Cícero praticava ritos nos sacrifícios, nos funerais, nas cerimônias de casamento; estes ritos são de uma idade anterior à sua e a prova de tudo o que hoje afirmamos temo-la no fato de que os ritos já não correspondem às crenças que esse homem mostra ter. Mas analisemos de perto os ritos praticados por esse mesmo homem ou as fórmulas por ele recitadas, e seguramente teremos encontrado os vestígios de tudo em que os homens acreditaram quinze ou vinte séculos antes.

LIVRO PRIMEIRO

Crenças antigas

CAPÍTULO I

Crenças sobre a alma e sobre a morte

Até os últimos tempos da história da Grécia e de Roma, vemos persistir entre o homem do povo determinado conjunto de pensamentos e de usos, por certo datando de época muito afastada, mas em que já poderemos reconhecer as idéias primitivas concebidas pelo homem quanto à sua própria natureza, à sua alma, e sobre o mistério da morte.

Por muito que remontemos na história da raça indoeuropéia, de que as populações gregas e itálicas descendem, notamos não ter esta raça acreditado que tudo se acabasse com a morte, para o homem, depois desta curta vida. As mais antigas gerações, muito antes ainda de existirem filósofos, acreditavam já em uma segunda existência passada para além desta nossa vida terrena. Encaravam a morte, não como decomposição do ser, mas como simples mudança de vida.

Porém, em que lugar e de que maneira se viveria esta segunda existência? Acreditava-se que o espírito imortal, uma vez evadido do corpo, ia dar vida a um outro corpo? Não; porque a crença na metempsicose nunca conseguiu enraizar-se nos espíritos das populações greco-italicas;

não era essa também a crença seguida entre os antigos arianos do Oriente, porque os hinos dos Vedas a isso se opunham. Acreditava-se que o espírito subisse ao céu, para a região da luz? Também não, porque o pensamento de que as almas entravam em morada celeste é de época relativamente moderna no Ocidente; a habitação celeste apenas se considerava recompensa dada a alguns grandes homens e aos benfeitores da humanidade. De harmonia com as mais antigas crenças dos itálicos e dos gregos, não era em um outro mundo que a alma ia passar essa sua segunda existência; ficava perto dos homens, continuando a viver na terra, junto deles¹.

Acreditou-se mesmo, durante muito tempo, que nesta segunda existência a alma continuava associada ao corpo. Nascida com o corpo, a morte não os separava; alma e corpo encerravam-se juntamente no mesmo túmulo.

Por mais antigas que sejam estas crenças, delas nos ficaram testemunhos autênticos. Esses testemunhos estão nos ritos fúnebres, sobreviventes em muito às crenças primitivas, e, porque certamente nascidos com estas, podem portanto melhor fazer-nos compreendê-las.

Os ritos fúnebres mostram-nos claramente como, quando se colocava um corpo no túmulo, se acreditava em que, ao mesmo tempo, se punha lá algo vivo. Virgílio, descrevendo sempre com tanta precisão e escrúpulo as cerimônias religiosas, termina a sua narrativa dos funerais de Polidoro com estas palavras: "Encerramos a alma no túmulo." Igual expressão se encontra em Ovídio e em Plínio, o Moço; não queremos dizer que tenha isto correspondido propriamente às idéias formadas por estes escritores sobre a alma, mas somente afirmar que, desde tempo imemorial, isto mesmo se perpetuara na linguagem, atestando deste modo crenças antigas e correntes².

No final da cerimônia fúnebre havia o costume de chamar por três vezes a alma do morto, e justamente pelo nome que este havia usado em vida. Faziam-lhe votos de

vida feliz debaixo da terra. Dizia-se a ele por três vezes: Passa bem. E acrescentava-se: Que a terra te seja leve³. A tal ponto se acreditava em que o mesmo ser ia continuar a viver debaixo dessa terra e lá conservando o usual sentimento de bem-estar e de sofrimento! Escrevia-se sobre o túmulo para afirmar que homem ali repousava: costume que sobreviveu a estas crenças e que, transmitindo-se de século em século, chegou até os nossos dias. Empregamo-lo ainda, embora hoje ninguém acredite que um ser mortal repouse no túmulo. Mas na antiguidade supunha-se tão firmemente que o homem ali vivia sepultado que nunca se deixava de, juntamente com o homem, se enterrar os objetos os quais se julgava viesse a ter necessidade: vestidos, vasos, armas⁴. Derramava-se vinho sobre o seu túmulo para lhe mitigar a sede; deixavam-lhe alimentos para o apaziguar na fome⁵. Degolavam-se cavalos e escravos, pensando que estes seres, encerrados com o morto, o serviriam no túmulo, como o haviam feito durante a sua vida⁶. Depois da tomada de Tróia, os gregos regressaram ao seu país, cada um deles conduzindo a sua bela cativa, e tendo Aquiles, morando já debaixo da terra, reclamado também a sua, deram-lhe Polixena⁷.

Um verso de Píndaro guardou-nos certo curioso testemunho destes pensamentos das gerações antigas. Frixo fora obrigado a deixar a Grécia e fugira para a Cólquida. Morreu neste país, mas embora morto queria regressar à Grécia. Aparece então a Pélias e ordena-lhe que vá à Cólquida para dali trazer a sua alma à Grécia. A sua alma sentia sem dúvida a saudade do solo pátrio, do túmulo da família, mas, vindo ligada aos seus restos corporais, evidentemente que não poderia abandonar a Cólquida sem os trazer consigo⁸.

Desta crença primitiva surgiu para o homem a necessidade de uma sepultura. Para a alma se fixar na morada subterrânea destinada a esta segunda vida, impõe-se, igualmente, que o corpo, ao qual a alma está ligada, seja coberto de terra. A alma que não tivesse o seu túmulo não

teria morada. Era errante. Em vão aspiraria ao repouso que anava, depois das agitações e dos trabalhos desta vida; ficava condenada a errar sempre, sob a forma de larva ou de fantasma, sem jamais parar, sem nunca receber as oferendas e os alimentos de que tanto carecia. Desgraçada, cedo essa alma se tornaria malfazeja. Atormentaria então os vivos, enviando-lhes doenças, devastando-lhes as searas, atormentando-os com aparições lúgubres, para deste modo os advertir de que tanto o seu corpo como ela própria queriam sepultura. E deste motivo vieram-nos as crenças nas almas do outro mundo¹⁰. Toda a antiguidade se persuade de que, sem sepultura, a alma vive desgraçada e que só pelo seu enterramento adquire a felicidade para todo o sempre. Não era por mostrar a dor que se realizava a cerimônia fúnebre, mas para repouso e felicidade do morto¹¹.

Atenemos bem ao fato de não bastar que o corpo fosse depositado na terra. Era ainda preciso observarem-se certos ritos tradicionais e pronunciarem-se determinadas fórmulas. Encontramos em Plauto a história de uma alma do outro mundo¹²; história de certa alma andando forçosamente errante, porque tinham enterrado o seu corpo sem a prática dos ritos. Suetônio conta-nos que, tendo sido enterrado o corpo de Calígula sem esse ato de a sua sepultura se haver feito acompanhar da cerimônia fúnebre, a sua alma andou errante e apareceu aos vivos, até o dia em que se decidiu desenterrar o corpo e dar-lhe sepultura segundo os ritos¹³. Estes dois exemplos revelam claramente a importância atribuída pelos antigos às fórmulas e aos ritos da cerimônia fúnebre. Uma vez que, sem eles, as almas andavam errantes e apareciam aos vivos, é porque só mediante a sua rigorosa observância se fixavam e encerravam nos túmulos. E como existiam fórmulas com esta virtude, os antigos também possuíam outras fórmulas tendo eficácia contrária: a de evocar as almas e fazê-las sair momentaneamente do sepulcro.

Pode-se ver em escritores antigos como o homem constantemente vivia atormentado pelo receio de que, depois da sua morte, não se observassem tais ritos. Era isto motivo para amargas inquietações¹⁴. Temia-se menos a morte do que a privação de sepultura. Porque na sepultura está o repouso e a bem-aventurança eterna. Não nos devemos surpreender quando vemos os atenienses a mandarem matar aqueles generais que, depois de uma vitória no mar, negligenciaram o enterramento dos seus mortos. Estes generais, discípulos dos filósofos, talvez já distinguíssem entre alma e corpo, e, deste modo, por não acreditarem que a sorte de uma estivesse presa à do outro, teriam assim pensado que ao cadáver tanto importaria decompôr-se na terra como na água. Não tinham portanto querido arrostar com a tempestade só pela vã formalidade de recolher e enterrar os seus mortos. Mas a multidão, mesmo em Atenas, presa da velha tradição, imediatamente vem acusar estes mesmos generais de impiedade, e fá-los morrer. Se pela sua vitória estes generais haviam salvado Atenas, pela sua negligência tinham perdido milhares de almas. Os parentes dos mortos, pensando no longo suplicio que estas almas viriam a sofrer, vieram ao tribunal em trajes de luto e reclamaram vingança¹⁵.

Na cidade antiga a lei pune os grandes culpados com um castigo sempre considerado terrível: a privação da sepultura¹⁶. Punia-se-lhes assim a sua própria alma, infligindo-lhe um suplicio quase eterno.

É preciso observar ter tido ainda acção entre os antigos uma outra crença sobre o destino dos mortos. Concebiam elas certa região, subterrânea também, mas infinitamente mais vasta do que o túmulo, e na qual todas as almas, apartando-se dos seus corpos, vinham viver juntas, sendo as penas e as recompensas distribuídas segundo a conduta que o homem tivera durante a vida. Mas os rituais da sepultura, tais como acabamos de descrevê-los, surgem-nos em manifesto desacordo com esta outra crença: prova-

certa de que na época em que esses ritos se estabeleceram ainda não se acreditava no Tártaro e nos Campos Elisios. O primeiro juízo formado por estas antigas gerações foi o de o ser humano viver no túmulo, a alma não se separar do corpo e fixar-se naquela parte do solo onde estivessem enterrados os ossos. O homem não tinha nenhuma conta a prestar da sua vida anterior. Uma vez encerrado no túmulo, nada tinha a esperar, nem recompensas, nem castigos. Opinião grosseira, mas revelando, na sua origem, a noção de vida futura.

O ser que vive debaixo da terra não se encontra tão desprendido do humano que não tenha necessidade de alimento. Por isso, em certos dias do ano, se leva a refeição a cada túmulo¹⁶.

Ovídio e Virgílio dão-nos descrição desta cerimônia, cujo uso permanecera intacto até a sua época, posto que as crenças já então tivessem se alterado. Descrevem-nos o costume de se cercar o túmulo de grandes grinaldas de plantas e de flores e de sobre o mesmo se colocarem pastéis, frutas, sal e ainda ali se verterem o leite, o vinho e algumas vezes o sangue de uma vítima¹⁷.

Enganar-nos-íamos muito se acreditássemos ver nesta refeição fúnebre apenas uma espécie de comemoração. O alimento que a família lhe leva destina-se efetivamente ao morto, e exclusivamente a este. A prova do que aqui afirmamos temo-la no fato de o leite e o vinho serem deramados sobre a terra do túmulo; ainda no de se abrir um buraco para fazer chegar os alimentos sólidos até o morto; e mais no de que, quando se lhe imolava alguma vítima, todas as suas carnes eram queimadas para que nenhum vivo delas pudesse compartilhar; no fato de se pronunciarem certas fórmulas consagradas e destinadas a convidar o morto a comer e a beber; também porque, quer mexia naquelas iguarias; finalmente, porque, ao retirar-se, tomavam grande cuidado em deixar um pouco

de leite e alguns pastéis nos vasos, considerando-se grande impiedade quando algum ser vivo tocasse nesta pequena provisão apenas destinada às necessidades do morto.

Estas velhas crenças persistiram durante longo tempo e ainda entre os grandes escritores da Grécia se encontra a sua manifestação. "Verto sobre a terra do túmulo", diz Ifigênia, de Eurípides, "o leite, o mel, o vinho, porque é com isto que os mortos sentem prazer."¹⁸ "Filho de Peleu", diz Neoptolomeu, "recebe esta bebida tão doce aos mortos; vem e bebe este sangue."¹⁹ Electra derrama as libações e diz: "A bebida penetrou a terra, meu pai a recebeu."²⁰ Vide a oração dirigida por Orestes a seu pai morto: "Oh, meu pai, se eu viver, tu receberás ricos banquetes, mas se eu morrer, não tomarás mais a tua parte nas refeições deliciosas de que se nutrem os mortos."²¹ As zombarias de Luciano provam-nos subsistirem estes usos ainda em seu tempo: "Os homens imaginam que as almas vêm, lá de baixo, ao jantar que se lhes leva, que se regalam com o aroma das iguarias e bebem o vinho vertido sobre as sepulturas."²² Entre os gregos, defronte de cada túmulo, existia sempre o lugar destinado à imolação da vítima e à colocação da sua carne²³. O túmulo romano tinha mesmo a sua *culina*²⁴, espécie de cozinha de aspecto singular e unicamente destinada ao uso do morto. Plutarco conta como, depois da batalha de Platéias, os guerreiros mortos foram enterrados no lugar de combate, tendo-se os plateanos comprometido a oferecer-lhes todos os anos a refeição fúnebre. Consequentemente, no dia do aniversário da batalha, estes iam em grande procissão, conduzidos pelos seus magistrados mais notáveis, ao outeiro onde repousavam estes mortos. Ofereciam-lhes leite, vinho, óleos, perfumes e imolavam uma vítima. Quando alinhados os alimentos sobre o túmulo, os plateanos pronunciavam certa fórmula ritual pela qual convidavam os mortos a tomarem essa refeição. Esta cerimônia realizava-se ainda ao tempo de Plutar-

co, que pôde assistir ao seiscentésimo aniversário do acontecimento²⁵. Luciano fala-nos no conceito fundamental de todos estes usos: "Os mortos nutrem-se dos manjares que lhes colocamos sobre o túmulo e bebem do vinho ali oferecido por nós; de modo que um morto a quem não se ofereça coisa alguma está condenado à fome perpétua."²⁶

Estas crenças são muito antigas e apresentam-se a nós como falsas e ridículas. No entanto exerceram o seu domínio sobre o homem e durante muitas gerações governaram as almas; veremos mesmo como, dentro em pouco, regeram as sociedades e como a maior parte das instituições domésticas e sociais dos antigos teve ali as suas origens.

CAPÍTULO II

O culto dos mortos

Desde os mais remotos tempos, deram estas crenças lugar a normas de conduta. Como, entre os antigos, o morto necessitasse de alimento e de bebida, concebeu-se, como dever dos vivos, satisfazer-lhe esta sua necessidade. O cuidado de levar aos mortos os alimentos não esteve a cargo do capricho ou dos sentimentos variáveis dos homens; foi obrigatório. Assim se estabeleceu toda esta religião da morte, cujos dogmas cedo desapareceram, durando, no entanto, os seus ritos até o triunfo do cristianismo.

Os mortos eram tidos como entes sagrados²⁷. Os antigos davam-lhes os epítetos mais respeitosos que podiam encontrar no seu vocabulário; chamavam-lhes bons, santos, bem-aventurados²⁸. Tinham por eles tanta veneração quanto o homem pode ter pela divindade que ama ou teme. Para o seu pensamento cada morto era um deus²⁹.

Esta espécie de apoteose não era somente apanágio dos grandes homens; entre os mortos não havia distinção de pessoa. Cícero diz-nos: "Os nossos antepassados qui-